

A influência da TV na criança **– Um estudo de recepção em escolas de Curitiba**

Celina Alvetti, Rosita Hummell¹, Bruno Bini, Helen Carcereri,
Katia Zuccolotto e Maria Salete Pasqual²

A presença dos meios de comunicação no cotidiano é crescente. No caso brasileiro, é a televisão que exerce maior influência e as discussões a respeito ora abordam efeitos negativos, ora os positivos. Por outro lado, as teorias têm explicado que não é só a televisão que influencia na formação do olhar para o mundo da criança. Também outras mediações são determinantes. Ou seja, o processo de recepção da televisão é mediado por uma série de fatores, inclusive o cotidiano, a família, a escola, os amigos. É inegável pois que, num país como o Brasil, a hegemonia de televisão faça dela produtora de consenso. Por isso, a necessidade de discutir o universo da imagem da televisão, o cotidiano e a construção da realidade.

Este trabalho é resultado de um projeto que surgiu do interesse em analisar o papel da televisão no cotidiano da criança. Especificamente, em examinar de que maneira a criança recebe o que vê e como lida com isso, como o imaginário da televisão ajuda a construir a sua realidade. Reconhece-se a necessidade de ver o receptor não mais indefeso diante da manipulação dos meios. Acredita-se que a construção da visão do mundo da criança se faz considerando as mediações.

Por isso, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se nos Estudos Culturais, cuja discussão implica busca o lugar da cultura no processo de construção da realidade, tentando compreender seus mecanismos. Para os estudos culturais, os meios de comunicação podem, portanto, não ser apenas instrumentos de manipulação. Ainda que contribuam para a manutenção das estruturas, podem ajudar a relação da sociedade com os indivíduos. Estes, por sua vez, podem construir outras formas de representação que não as impostas, descobrindo novas formas de olhar. Entende-se, aí, a possibilidade de um receptor ativo - a possibilidade de transformação.

O referencial teórico está em Guillermo Orozco Gomez e Jesus Martin-Barbero, que consideram os diferentes modos de leitura dos meios e as práticas cotidianas, entre outras mediações. Tendo a recepção como um processo, observa-se a influência da televisão a partir da relação que os receptores estabelecem com o meio, em seu dia a dia. Para Orozco, a audiência deve ser considerada como sujeito, a recepção como processo e a televisão uma das mediações, reprodutora da realidade e produtora de significados. Como Orozco, Martin-Barbero acredita que a cultura é mediação fundamental, pois é onde o sentido é produzido e se constrói a identidade. Para ele, além disso, considerar a recepção se explica pela “necessidade de entender a inserção das camadas populares latino-americanas no contexto entre o sub-desenvolvimento e o processo acelerado de modernização, que implica no aparecimento de novas identidades e novos sujeitos sociais, forjados, em especial, pelas tecnologias de comunicação”. (JACKS, 1996: 47).

Acreditando que compreender o modo como as crianças se apropriam do que vêm na televisão pode contribuir para o processo de inserção social, tomou-se como ponto de partida a caracterização do espaço geográfico delimitado para a pesquisa. Tendo como base a análise de dados da pesquisa Retratos Curitiba (2001), encontrou-se um perfil de crianças na sua maioria de raça branca, que mora com os pais e tem, em média, dois irmãos, sendo 57% das classes CDE. 75 % das crianças curitubanas freqüentam a rede pública e 5% não freqüentam a escola (observe-se que a rede escolar de ensino fundamental é constituída por 282 escolas, sendo 156 municipais, 57 estaduais e 69 particulares).

O desejo de consumo da criança curitubana é por brinquedos (47%) - videogames para meninos e computador para meninas, mas todos ainda preferem o patinete

e a bicicleta. Como profissão, no futuro eles querem jogar futebol (27%) e elas pretendem dar aulas (20%), ainda que ser médico seja o desejo da maioria. Em relação ao presente e à sociedade, manifestam preocupação com violência, trânsito, questões ecológicas e questões sociais, especialmente quanto a habitação, escola e emprego para todos e quanto ao fim da pobreza e das drogas.

Isso considerado, para verificar o modo como as crianças recebem televisão foram investigadas 82 crianças com idade entre seis e nove anos, alunos de primeira a quarta séries de escolas de Curitiba. A escolha das escolas foi feita a partir da intenção de investigar crianças de diferentes classes sócio-econômicas. Primeiro, foi necessário identificar instituições de baixa, média e alta condição socio-econômica de alunos e comunidade; em seguida, fazer um diagnóstico, a partir de histórico, participação da comunidade, estrutura física e pedagógica.

Nesta pesquisa preliminar, desenvolvida durante os meses de junho e agosto de 2002, verificou-se nas escolas uma distribuição sócio-econômica que contemplaria a situação geral destas na cidade de Curitiba. Observe-se que a atribuição das classes sócio-econômicas aos alunos das escolas teve como fonte os projetos pedagógicos fornecidos por estas mesmas instituições, em que uma verificação da clientela é feita anualmente e fornece a base de estudos dos órgãos oficiais de avaliação do sistema educacional.

Para a coleta de dados optou-se pelo grupo focal, considerando-se que este instrumento constitui uma forma adequada ao universo pesquisado. Esta técnica permitiu explorar atitudes e comportamentos das crianças com relação à televisão, possibilitando a elas durante a entrevista partilhar experiências, permitindo o emprego de estímulos de tipo projetivo; assim esta técnica se mostrou a mais adequada a este estudo, pois o universo era formado por crianças e se pretendia que estas partilhassem experiências.

Na primeira etapa da pesquisa foram levantados dados gerais da presença da televisão em quatro escolas do ensino fundamental - duas escolas da rede pública municipal (Paulo Freire e Darcy Ribeiro), uma da rede estadual (Manoel Ribas) e uma particular, o Colégio Santa Maria.

As crianças, reunidas no próprio ambiente escolar e durante o período letivo, foram entrevistadas em grupos de oito a dez, todas pertencentes à mesma faixa etária e à mesma escola. A moderação e a observação dos trabalhos foi realizada pelos acadêmicos, sob orientação de professores, como condição do projeto de pesquisa. Para integrar as crianças aos pesquisadores e prepará-las para a pesquisa, optou-se por começar com duas dinâmicas, uma individual (desenhar o local, na casa, onde fica o aparelho de televisão) e a outra em três grupos (encenar um programa de TV para os outros adivinharem qual é). Os dados de observação foram complementados pela ficha de identificação das crianças e por alguns desenhos feitos durante o período de entrevista. Na pesquisa, foram usados roteiros semi-estruturados, aplicados em sessões com uma hora e trinta minutos de duração.

O roteiro da pesquisa qualitativa apresenta, em abordagem inicial, um levantamento do modo de vida. Em seguida, as questões relacionadas ao meio: modo de assistir TV (com quem, quem controla o remoto, eventuais conflitos em casa, quanto ao programa que deve ser visto, limites de horário, tempo de exposição); programas (mais conhecidos, preferidos, imagens marcantes, lembrança de palavras e associações). Indagou-se também qual, segundo as crianças, a importância da televisão na sua vida.

Para a segunda etapa da pesquisa, com a intenção de verificar a percepção das crianças sobre sexo e violência, em 2003 foi retomado o contato com alunos da Escola Estadual Manuel Ribas e do Colégio Santa Maria. Estas instituições foram escolhidas por representarem os extremos da escala social. A Escola Manoel Ribas fica no Prado Velho e ocupa uma área de 20.800 metros quadrados, sendo 3.020 metros quadrados de área construída. Extremamente carente, é freqüentada por alunos pertencentes à classe sócio-econômica D, que moram na vizinhança, a Vila Torres. Trata-se de uma região complexa, pólo do tráfico de drogas, na qual convivem o câmpus universitário da PUCPR, residências de classe média e uma favela. Já o Colégio Santa Maria, freqüentado por alunos das classes média alta e alta, ocupa 57.000 metros quadrados de área, sendo 23

mil de área verde, no São Lourenço, bairro em área valorizada. Em 2002, uma pesquisa da Marplan apontou a instituição como a que oferece a melhor formação, entre as escolas particulares de Curitiba. O projeto pedagógico inclui educação para e pelos meios e, na quinta série, os alunos produzem um programa de televisão, veiculado internamente.

Nesta segunda etapa, a estratégia de abordagem da coleta de dados foi a mesma da primeira etapa, servindo para averiguar a imagem de dois temas – sexo e violência, identificados na fase anterior como pontos de interesse. A violência foi abordada a partir da Guerra do Iraque pois, no período da realização dos trabalhos, imagens desta guerra eram constantes na mídia. Já o gênero novela surgiu naturalmente, nas discussões.

É oportuno observar que, na primeira etapa da pesquisa detectou-se que a maioria, em ambos os grupos, assistia regularmente a novelas e a telejornais, principalmente ao Jornal Nacional, da TV Globo, o que significa que esses gêneros fazem parte do cotidiano das crianças pesquisadas.

De acordo com Orozco, a televisão é um dos responsáveis pela interação familiar que, além disso, freqüentemente (pelo menos no caso brasileiro), acontece com uma televisão ligada como pano de fundo. Mas, “muitos outros fatores entram na experiência infantil em relação à TV em casa, tais como os horários de trabalho dos pais, o número de aparelhos de TV disponíveis em casa, a atitude dos pais etc (1997, p.49)”.

A exemplo do que acontece em outras cidades brasileiras, a televisão é o meio que mais está inserido no cotidiano de Curitiba. No caso das crianças pesquisadas, o número de aparelhos de televisão por domicílio (um nas da escola estadual, dois nas das escolas municipais e quatro nas da escola particular) não parece interferir no tempo de exposição ao meio – de duas a seis horas diárias.

A presença de pais que controlem a exposição à televisão é rara em qualquer uma das situações avaliadas. O controle está relacionado à escolha dos programas em momentos em que existe a presença de adultos, ou seja, quando a criança não está assistindo televisão sozinha ou apenas com outras crianças. Este fato não parece estar, portanto, relacionado à preocupação com a

programação, mas à questão da escolha dos programas; estes devem agradar a quem tem o controle remoto nas mãos.

Das crianças que participaram dos grupos de discussão na primeira etapa da pesquisa, a maioria freqüenta escolas públicas municipais e mora em áreas próximas, na periferia da cidade. A maior parte destas vive com os pais e irmãos e possui apenas um aparelho de TV, embora existam casos de crianças mencionarem ter em casa até sete aparelhos. As crianças da escola estadual são moradoras de uma área mais central, porém altamente povoada e iniciada em área de invasão. A maioria das crianças tem proximidade com a marginalidade e as armas de fogo, de propriedade de muitos pais. Se comparada com as municipais, a Escola Manoel Ribas estaria em piores condições de funcionamento e de ensino. As crianças, no entanto, demonstram, em geral, as mesmas formas de relacionamento com a TV e parecem preferir os mesmos personagens. Talvez por ser uma área mais povoada e portanto, com menos espaços livres, as crianças passam, em média, mais tempo em frente à TV.

A programação assistida pelas crianças das escolas públicas apresenta um leque variado, que vai desde jogos de futebol a programas infantis, passando por telejornais e telenovelas. Em geral, as crianças citam os programas infantis matinais, filmes, novelas e jogos de futebol. Pode-se notar a atração dos programas e desenhos de lutas sobre os meninos e de atrizes e cantoras jovens sobre as meninas. São mencionados também filmes de terror e de bonecos assassinos, por exemplo, e ao mesmo tempo Sítio do Pica-Pau Amarelo, Sandy e Junior. Há, no entanto, uma diferença de gênero quanto aos personagens preferidos: Sandy e Junior entre as meninas e Tartaruga Ninja entre os meninos. A atração pelos personagens se faz notar nas mochilas e cadernos, que denunciam o desejo de consumo por produtos relacionados aos ídolos, anunciados nos intervalos dos programas.

A grande diferença de perfil entre as crianças está nas da escola privada, o Colégio Santa Maria, em que as crianças todas possuem computador e tem contato com desenhos e programas de televisão a cabo;

assim os programas preferidos se deslocam para desenhos destes canais - alguns menos agressivos ou mais intelectualizados, como *O Laboratório de Dexter*. As cenas prediletas são as finais, quando o mal é derrotado e finalmente o bem prevalece.

Telejornais e telenovelas fazem parte do leque de programação assistido por estas crianças. A Internet faz parte do seu cotidiano como meio informativo e de lazer - a presença do computador em casa diversifica interesses (observe-se que as crianças das escolas públicas têm contato com o computador na escola, não em casa). Eles também adquirem produtos anunciados na TV, mas o que se pode constatar foi que o controle de compra é próprio, ou seja, estas crianças usam a mesada para suas compras. Explicam que, quando o dinheiro não é suficiente, costumam economizar ou recorrer aos avós.

Como as outras, as crianças do Colégio Santa Maria demonstraram grande interesse pelo assunto que lhes foi proposto discutir na pesquisa. Todos queriam, por exemplo, comentar sobre o programa predileto. Dois aspectos chamaram atenção dos pesquisadores: primeiro, que os alunos destacaram como programas preferidos os telejornais; segundo, o fato de sempre relacionarem televisão a internet.

As crianças contaram que assistem a novelas e afirmaram acreditar que este gênero pode prestar um serviço social. Na época, *O Clone* provocava debates. À pergunta sobre que personagem gostariam de ser, todos disseram o *Lobato*, da mesma novela —“por ser rico”. Unanimemente, ninguém queria ser a *Mel*, devido o envolvimento com as drogas. Não foi mencionado, mas é significativo o fato da personagem *Lobato* ser alcoólatra e isso não ter sido considerado como um fator de rejeição, como aconteceu no caso da personagem com outra dependência química. É provável que isso tenha relação com o tipo de dependência (no caso, por ter pouca visibilidade o problema do álcool envolvendo pessoas muito jovens) e com a idade da personagem - que causa identificação nas crianças.

Na segunda etapa da pesquisa, a questão do sexo na televisão, por representar um ponto polêmico, foi colocada às crianças como interesse por cenas de beijos, abraços

e referências, mesmo que indiretas, à relação sexual. No Colégio Santa Maria, a maioria das crianças assiste a novelas, mas acreditam que são para o público adulto. Às vezes os pais deixam ver as cenas de nudez e sexo, mas normalmente trocam de canal. Achem que, apesar de apelativas, se não tiverem cenas de beijos e “esfregações”, as novelas não despertam atenção da população. A mais citada é *Malhação*, na qual identificam situações que às vezes são parecidas com as pelas quais seus irmãos mais velhos passam.

Na Escola Manoel Ribas, foi feita de imediato a associação de sexo com novela - todos gostam de assistir a elas e têm atração pelas cenas de beijo. As de *Malhação* são as que mais chamam a atenção e as crianças reconhecem um pouco do seu universo nelas. Os pais dos alunos da Escola Manoel Ribas, no olhar dos filhos, encaram o sexo em forma de liberdade de troca constante de parceiros e liberdade sexual. É comum a criança ver os pais (ou irmãos mais velhos) tendo relação sexual e diz saber como isso acontece. A relação sexual ou gravidez precoce, bem como gravidez de pai ignorado acontecem com grande frequência, nas famílias, segundo apontam as crianças. A sua própria iniciação sexual é precoce (cinco alunos do grupo, com idades entre 10 e 11 anos, já tinham tido experiência sexual e quatro deles já viram seus pais em ato sexual) e parece haver pouco receio da gravidez, porque a experiência de outros de certa forma atenua o medo.

Em alguns casos, o sexo está associado a violência - algumas crianças são vítimas de violência sexual dentro da própria casa. Mas, contraditoriamente, a violência da realidade parece impressionar menos do que a veiculada pela televisão, no caso das crianças da Manoel Ribas (na região, o tráfico de drogas é intenso e dois alunos da escola, traficantes de 14 anos, foram mortos em um dos constantes conflitos entre rivais).

Considerando as duas escolas, em relação à violência da guerra, a identificação da criança com a situação dá-se especialmente pelo modo como a televisão trata o assunto, envolvendo e chocando. As cenas de sofrimento de guerra são as que mais despertam a revolta dos entrevistados, que ficam sensibilizados ao perceber que muitas crianças

perdem seus pais (ou se perdem deles) e acham que elas sofrem muito com isso. Matérias que mostram crianças são as mais lembradas - por exemplo uma que relatou o que aconteceu com um menino que morreu quando uma bomba explodiu na casa em que estava trabalhando.

Em geral, as crianças têm noção de que custa caro ir até o Iraque, mas gostariam de ir para ajudar a matar os americanos e para não deixar matar gente, principalmente crianças, porque que os Estados Unidos querem ser o dono do mundo. As opiniões evidenciam comentários adultos, como: “para acabar com as brigas os outros países tem que deixar o petróleo que é dele”; “os americanos querem invadir o Amazonas porque é um estado rico e cheio de madeira e que eles querem roubar o que é nosso”.

Fica evidente, também, que o caráter cinematográfico das matérias atrai e fixa a informação – são recorrentes imagens de que, com a guerra as pessoas se vestem com roupas com explosivos para ameaçar os inimigos. E que existem dois lados - gostam de ver notícias sobre a guerra pois querem saber quem será o vencedor.

Pelas observações realizadas foi possível verificar alguns pontos comuns entre os dois grupos de crianças, a começar pelo fato de que cenas de sexo, assim como de violência, são assistidas pelas crianças, independentemente de sua situação econômica e social. A vigilância dos pais quanto ao que pode ou não ser assistido parece não existir nas crianças da Escola Manuel Ribas. Na escola particular, ela parece ser trabalhada, no sentido de orientar as crianças quanto ao significado das cenas e ao desenvolvimento de senso crítico quanto aos temas em questão. Assim, em ambos os grupos e temas a opinião de adultos permeia os comentários. Isto pode ser notado também pelos comentários sobre a Guerra no Iraque, em que a posição crítica aos Estados Unidos está presente nos dois grupos de crianças. As crianças do Colégio Santa Maria parecem mais informadas, segundo elas pelos telejornais e pelas explicações dos pais. Acreditam que a guerra só gera mais violência e que aumentou muito o índice de violência no cotidiano depois de tantas mortes e notícias sobre o assunto.

Mas, se a questão da guerra é discutida, em ambos os grupos, de um ponto de vista mais distante (um fato que acontece em outra cultura e provoca sentimento de solidariedade), a relação com a violência é diferente e mostra como o ambiente contribui para o modo de lidar com a questão. As crianças da escola pública costumam enfrentar aspectos de violência no seu cotidiano, seja a familiar ou a do ambiente e parecem achar que não representa uma ameaça.

Já a questão das cenas eróticas ou sensuais é colocada de forma diferente pelos dois grupos. Parece que as famílias da escola pública não discute sexo com os filhos, ao contrário dos adultos das outras famílias. Isso pode representar também a forma pela qual a questão é tratada no seu ambiente doméstico, ou seja, as crianças próximas à favela apresentam uma estrutura familiar não tradicional em que a nudez e o contato com relações sexuais é parte de seu cotidiano. Já as crianças do Colégio Santa Maria não são, particularmente, envolvidas com relações sexuais prematuras, mas recebem orientação sobre o assunto.

Analisando os dados levantados, verifica-se que a televisão faz parte do cotidiano de todas as crianças entrevistadas na pesquisa. A exposição parece, em todos os grupos, ser comum não só pela frequência como pela escolha dos programas. Assim, a recepção torna-se distinta pelas possibilidades de ampliação do que assistir e pelo computador e Internet presentes no cotidiano familiar da criança da escola privada.

A atitude familiar e mesmo as opiniões e críticas ouvidas em casa são repetidas em seus comentários e assim permeiam a sua forma de ver a televisão. As crianças da escola particular apresentam um senso crítico mais perceptível, sendo mais evidente a orientação da família e da escola quanto ao conteúdo da televisão.

Conclui-se que o cotidiano não só é dedicado em uma grande parte à televisão, mas é permeado por esse imaginário - o despertar para a violência repetida continuamente nos desenhos de luta e briga pelo poder convivem com romances de novelas e canções melosas de estrelas adolescentes ou jovens (Sandy e Junior foram citados em todos os grupos de pesquisa). As diferenças

maiores entre os grupos estão relacionadas à forma pela qual estas crianças se envolvem com este imaginário: as crianças do Colégio Santa Maria parecem distinguir melhor entre o que se passa na televisão e a realidade, desenvolvendo um senso crítico mais deter-

minado. Já as crianças da escola pública trazem este imaginário para suas vidas com mais frequência e desenvolvem um senso crítico menos claro e mais emocional. Apesar das diferenças, no entanto, existe uma assimilação homogênea da cultura veiculada.

Bibliografia

Canclini, N. G. *Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

CARLSSON, U. *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo, Cortez, 2002.

Jacks, N. *Tendências Latino-americanas nos estudos da recepção*. In: Revista FAMECOS, n.º 05. Porto Alegre, Dez. de 1996, p. 44-49.

Martin-Barbero, Jesus & REY, German. *Os exercícios do ver*. São Paulo, Senac, 2001.

Martin-Barbero, J. *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. In Comunicação & Educação, São Paulo, (11): 53 - 67, Jan./Abr.1998.

Martin-Barbero, J. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

Orozco Gomez, G. *Uma pedagogia para os meios de comunicação*. Entrevista conce-

didada a Roseli Fígaro. In Comunicação & Educação, São Paulo, (12): 77-88, Mai/Ago.1998.

Orozco Gomez, G. *Televisão e criança*. In Comunicação & Educação, São Paulo, (7): 49-51, Jan/Abr.1997.

Pacheco, E.D. *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas, Papyrus, 1998.

Retratos de Curitiba - SÉCULO XXI. Curitiba, Diferencial pesquisa de mercado, 2001.

Rezende, A. L. M. & RESENDE, N. B. *A tevê e a criança que te vê*. São Paulo, Cortez, 1989.

Sampaio, I. V. *Televisão, publicidade e infância*. São Paulo, Annablume, 2000.

¹ Professoras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba, Brasil.

² Acadêmicos do curso de Relações Públicas da PUCPR.